

DIALOGICIDADE E CULTURA NA CONSTRUÇÃO DA CATEGORIA CLÍNICA DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Larissa Moreira Soares

Danilo Silva Guimarães

Instituto de Psicologia / USP

larissa.soares@usp.br

Objetivos

Compreender a construção da categoria clínica Transtorno do Espectro Autístico (TEA) relacionada à posição ocupada pela criança na sociedade moderna. Discutir como são construídas as relações dialógicas precoces na infância, por meio de estudos de caso que privilegiaram a singularidade do cuidado com pessoas diagnosticadas com autismo. Identificar lacunas presentes em abordagens dialógicas sobre o autismo.

Métodos e Procedimentos

Foi realizado o levantamento da bibliografia preliminar através da busca das palavras-chave “autismo”, “cultura”, “dialogismo”, “Bakhtin” e “Vygotsky”, combinadas em português e em inglês, na plataforma Google Scholar. Em seguida, o mapeamento dessas produções acadêmicas, observando tensões teórico-epistemológicas presentes. Foram selecionados dois artigos que discutem relações dialógicas precoces na infância – priorizando estudos de caso por situarem a posição singular que o sujeito e seus interlocutores estabelecem (Fonseca et al., 2004, e Bagarollo & Panhoca, 2010). Foi realizada uma busca por autores autistas e posterior seleção da autobiografia de Temple Grandin (Grandin & Panek, 2015), sobretudo em seu primeiro capítulo “Os Significados do Autismo”. Na metodologia, foram articuladas noções dialógicas de interpretação dos textos de pesquisa em trajetórias ascendentes e descendentes (Guimarães, 2016) que permitem delinear relações dialógicas entre Conhecimento Geral e Particular.

Resultados

Seleção de 50 textos, entre artigos acadêmicos, capítulos ou livros, para leitura breve do resumo. Categorização dos textos de acordo com grandes áreas de interesse, totalizando 18 áreas (com predominância dos campos da Educação e da Psicologia e suas intersecções), indicando a amplitude do tema e a multiplicidade de perspectivas. Emergência da tensão entre a concepção de que o autismo teria uma causa orgânica, versus a concepção de que o autismo tem uma causa psíquica (Valente, 2010) e a atual tese mais aceita de que existem múltiplas causas (Laurent, 2014). Identificação de diferentes formas de intervenção e tratamento/cuidado relacionadas às compreensões das causas do autismo. Compreensão de questões acerca das origens e das intervenções precoces com crianças autistas, focalizando em como se constrói, na tenra infância, relações dialógicas com os outros. A interação com o outro, as relações de alteridade e com excedentes de compreensão provocam a emergência da novidade na cultura e no repertório das pessoas singulares. O dialogismo propõe que a elaboração das interações (encontros e desencontros) possa constituir um espaço que permita a coexistência de diferentes vozes em suas potencialidades singulares e modos específicos de funcionamento, sem perder de vista a importância das generalizações que permitem construir conhecimentos acerca dos fenômenos aos quais nos debruçamos. Os axiomas e conceitos da epistemologia contribuem para “o desaparecimento final da metáfora dos pensamentos ‘inferior’ e ‘superior’.” (Marková,

2016, p. 274), nos apontando para a leitura de autores autistas. Grandin (Grandin & Panek, 2015) percorre, através de suas memórias, a construção da categoria clínica e adentra alguns dos aspectos históricos do diagnóstico, relacionando-os à sua história e ao seu diagnóstico tardio (a autora nasceu antes da existência dessa categoria nos manuais). A análise dos textos apontou para a dinâmica específica, em casos de autismo, que os distanciamentos parecem representar uma forma de respeito e cuidado com o sujeito que frequentemente sente a presença do outro como invasiva. Porém, o distanciamento não assegura efeitos benéficos na construção da pessoa, uma vez que a aprendizagem da linguagem, da comunicação, e das formas de se relacionar com o outro se dão no contexto interacional. No dialogismo, a mediação entre aproximação e afastamento (Simão et al., 2011) viabiliza a existência de um espaço de não compartilhamento essencial na construção de um senso de diferenciação entre o eu e o outro, o que promoveria a constituição do senso de self e de outro – considerando a porosidade das relações para além da fusão ou da separação estrita.

Conclusões

A construção da categoria clínica do Transtorno do Espectro Autista (TEA) está relacionada às mudanças nos manuais diagnósticos e em seus respectivos modelos teóricos orientadores. Dessa forma, os constructos teóricos e metodológicos influenciam os processos diagnósticos e de tratamento dessa categoria clínica e a própria concepção de criança construída historicamente. Os estudos de caso mostram como as interações sociais são compostas por momentos de compartilhamento de significados e outros de não compartilhamento, zonas de ruído na comunicação que parecem ser cruciais na manutenção do vínculo. A sensibilidade construída no manejo e na intervenção nos casos de autismo depende da criação, na relação, de um solo comum entre os agentes em cena. A posição do cuidador nesse jogo de saberes, aliados a poderes e internalizados subjetivamente, deve residir em constantes questionamentos, interrogações e escutas nas palavras de cada criança seus pensamentos e

desejos, sem, com isso, normalizar uma conduta voltada à mera adaptação social. A construção de relações de cuidado que estejam eticamente direcionadas à construção de um habitar sereno e confiado (Figueiredo, 1996) exige suportar caminhos de ausência de sentido, aceitar a alteridade do outro, bem como renunciar às fantasias de salvação e onipotência. A análise dos textos apresentados acima nos trouxe ainda uma nova pergunta: ser ou ter autismo, é uma questão? Ao mapear as linhas diversas e os contrapontos no campo dos estudos sobre o autismo, podemos realizar o movimento transformativo de incluir pessoas autistas na pesquisa, o que nos abriu à dimensão ontológica do tema.

Referências Bibliográficas

- BAGAROLLO, M. F., & PANHOCA, I. (2010). A constituição da subjetividade de adolescentes autistas: um olhar para as histórias de vida. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 16(2), 231–250.
- FIGUEIREDO, L. C. M. (1996). *Revisitando as Psicologias - da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos* (8th ed.). Editora Vozes.
- FONSECA, V. R. J. R. M. et al. (2004). Transtornos Autísticos e Espaço Dialógico - breve conversa entre a psicanálise e o dialogismo. *Rev. Bras. Psicanál.*, 679–692.
- GRANDIN, T., & PANEK, R. (2015). Os significados do autismo. In: *O cérebro autista*. Record.
- GUIMARÃES, D. S. (2016). Descending and ascending trajectories of dialogical analysis: Seventh analytic interpretation on the short story "The guerrillero." *Psicologia USP*, 27(2), 189–200.
- LAURENT, É. (2014). *A Batalha do Autismo* (1 ed.). Zahar.
- MARKOVÁ, I. (2016). *Mente Dialógica - Senso Comum e Ética*. PUCPRESS; Fundação Carlos Chagas.
- SIMÃO, L. M. et al. (2011). Aproximação, distanciamento e negociação de sentido em relações eu-outro no diálogo psicoterapêutico.
- VALENTE, T. da S. (2010). A ausência da alteridade no autismo: duas perspectivas. In Ettiène Guérios & Tania Stoltz (Eds.), *Educação e alteridade* (pp. 135–148).